

XXIX Encontro Anual da ANPOCS
GT "Pessoa, família e ethos religioso".

Estilos de vida e modelos de construção de pessoa na recente literatura evangélica

Bernardo Lewgoy

Caxambu, outubro de 2005

Resumo¹

Um importante aquecimento de um mercado e de um espaço editorial evangélico vem acompanhando as reconfigurações do campo religioso brasileiro nos últimos 15 anos. Os dados disponíveis apontam para o crescimento de propostas editoriais com estratégias flexíveis de inserção no mercado, o que tem sido recentemente simbolizado pelo crescimento editorial da genérica categoria de “auto-ajuda”. Apesar disso, algumas tendências de discussão transversais ou trans-denominacionais atravessam fronteiras internas e criam campos de comunicação e fluxo desta bibliografia, especialmente as voltadas para, 1) para a orientação da vida familiar – a chamada “vida cristã” com uma pronunciada preeminência da problemática dos papéis familiares em face de situações de transformação, reprodução, divórcio e transtornos intra-familiares, que tem a mulher como foco temático e público alvo privilegiado 2) uma literatura voltada para a discussão de problemas psicológicos como “depressão”, “perdas” e que negocia um espaço cultural e semântico para a linguagem da psicologia, de modo a acomodá-la em novos arranjos a imperativos teológicos. Esta apresentação visa analisar aspectos recorrentes de perspectivas embutidas em alguns dos mais bem sucedidos livros de importantes editoras do mundo evangélico brasileiro, entendidos como representativos dos novos dilemas enfrentados crentes e neoconvertidos, ao mesmo tempo em que ajudam a construir e atualizar estilos de vida e modelos de construção de pessoa, especialmente os relacionados à sexualidade, à conjugalidade, à juventude e à vida familiar.

¹ Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trabalho realizado com o apoio de auxílio do CNPq para o projeto “Livro Religioso e Sociedade no Brasil: um estudo sobre as transformações nas editoras evangélicas”.

“O segundo ingrediente necessário a um relacionamento sexual completo é a ausência de sentimento de culpa. Sem essa leveza de consciência não pode haver uma entrega sem inibições, uma união psicológica de personalidades.”

LUTZER, Erwin. “Aprenda a viver bem com Deus e com seus impulsos sexuais.”

1- O que os crentes andam lendo: campo religioso, literatura e mundo editorial evangélico.

A grande transformação no campo religioso brasileiro nos últimos 20 anos, atestada pelos Censos de 1991 e de 2000 – tem sido objeto de diversos estudos, particularmente dedicados ao declínio da hegemonia católica e ao crescimento evangélico (Mariano 1996 ; Giumbelli, 2002; Steil e Oro, 1997). Ultimamente, percebe-se uma tendência à realização de recortes analíticos específicos, como os ligados à política, à mídia, e à produção e consumo de bens simbólicos religiosos (Birman, 2003, Fonseca, 2003, Martino, 2003, Machado, 1999).

Esses trabalhos apontam para a inclusão do consumo de bens culturais religiosos na agenda de pesquisa das ciências sociais, considerando-se que o membro de uma religião é hoje um espectador de rádio, de televisão, um freqüentador de shows e um leitor de jornais, revistas e livros. Sua identidade religiosa é marcada por fenômenos de “privatização da prática religiosa” (Berger, 1985) e “exacerbação do individualismo” (Hellas, 1996) , assim como por lógicas culturais complexas e coexistentes (Sanchis, 1997), processos que se disseminam de forma capilar entre as fronteiras das agências religiosas.

Já havendo pesquisas sobre o mercado da música (Navarro, 2000; Dolghie, 2004) e sobre a mídia evangélica (Fonseca, 2003, Machado, 1999), não são muitos os investimentos analíticos no objeto “livro religioso”, à exceção dos estudos de Montero (1992) e do meu próprio (Lewgoy, 2004), ambas investigações sobre espaços editoriais em segmentos religiosos específicos na sociedade brasileira

Não é heurísticamente conveniente circunscrever conceitualmente a literatura religiosa fora dos sentidos tribuídos por atores específicos a um conjunto de impressos. A dicotomia escrituralista

entre literatura sagrada e profana não é suficiente para dar conta de um poderoso mercado nacional e internacional, que atravessa as mais diferentes orientações religiosas, desde aquelas mais difusas e desinstitucionalizadas, como as da nebulosa cultural da Nova Era ou das editoras seculares que miram nos públicos religiosos (caso da sextante, que publica livros de auto-ajuda com ênfase religiosa) até as propostas mais submetidas à autoridade clerical, como é o caso das editoras confessionais. Para nos atermos apenas ao cristianismo tradicional, há uma multifacetada história de publicações de uma literatura auxiliar voltada ao aconselhamento pastoral, à orientação da vida devocional, à educação intelectual, à catequese ou à mera edificação moral, em boa parte dirigida a fiéis de baixo ou médio grau de formação teológica.

No período mais recente o crescimento do mercado editorial religioso é um fenômeno que pode ser lido na chave do mercado e das transformações culturais experimentadas pela religiosidade na pós-modernidade. A disseminação da literatura religiosa relaciona-se à crise das fontes tradicionais de autoridade e sentido e à fragmentação das respostas congregacionais aos problemas enfrentados em esferas diferenciadas da vida como: as mutações morais nos limites entre o permitido e o proibido; as modificações na estrutura e no sentido das relações familiares; as transformações no mundo do trabalho e no estilo de vida dos grupos urbanos nos quais se originam as memórias; o lugar da juventude e do envelhecimento como categorias emergentes de preocupação e formulação de discursos nos diferentes grupos religiosos; as metamorfoses na condição social da mulher na família e na religião; o novo e legítimo lugar das relações amorosas e do prazer sexual no discurso teológico e no aconselhamento pastoral; a busca da prosperidade material e da ascensão social como valores da cultura do individualismo que passam a ter endosso religioso; as novas formas de sociabilidade e lazer ligadas ao consumo e ao lazer; o deslocamento das fronteiras entre teologia, individualidade e psicologia; a forte ênfase na categoria cardeal “auto-estima”, na felicidade no presente e nos novos significados e práticas ligadas ao corpo, à estética e à saúde.

Próximos da categoria geral “auto-ajuda”, esses temas crescem em importância em relação à teodicéia e à soteriologia tradicionais, deixando para trás “a salvação da alma após a morte” e a “mensagem da cruz como auto-sacrifício”, que marcaram a história do cristianismo até bem pouco tempo atrás (Mariano,1999).

As mudanças na sociedade brasileira a partir da redemocratização dos anos 80, com a mídia religiosa ampliando o seu espaço nos meios de comunicação, e a concomitante escolarização de faixas mais amplas da população, abriram o caminho para o *boom* do livro religioso, tanto no sentido da emergência de um público interessado em traçar seus próprios percursos religiosos de leitura, quanto no que se refere à reorientação das dinâmicas e estratégias da oferta editorial, num mercado maior e mais segmentado.

O espaço editorial evangélico teve um crescimento articulado às transformações gerais na esfera religiosa mas de modo algum espelhou linearmente as transformações demográficas dos evangélicos. Desde os anos 90, este vem experimentando uma intensa modernização e aquecimento de vendas, cujo carro chefe é o setor de Bíblias, seguido de livros de inspiração e comportamento familiar, sexualidade, resolução bíblica e psicológica de problemas pessoais, a chamada “vida cristã”.

Se o crescimento demográfico de fiéis e igrejas evangélicas permite compreender a base social da formação de um mercado para os livros evangélicos, uma interpretação das tendências bem sucedidas nos lançamentos e vendas de livros evangélicos impõe nuances na investigação pois trata-se de terreno marcado pela interação com o mercado dos *booksellers* cristãos norte-americanos. Ou seja, temos aqui o ingresso importante de uma literatura evangélica globalizante, que interage e transcende os marcos institucionais e as ênfases locais, ainda que sem uma relação de subordinação. Importa aqui assinalar que há todo um campo de comunicação e trocas entre editoras brasileiras, igrejas e a poderosa indústria editorial religiosa norte-americana, que cria as condições para o ingresso de títulos, linguagens, temas e autores em todas as denominações do espectro evangélico brasileiro. Independente da proposta editorial, da ênfase doutrinária particular ou da

relação mais ou menos vinculada à estruturas institucionais específicas (o que certamente é fundamental para a compreensão de outras questões) muitas casas editoriais tem pastores e fiéis como editores ou conselheiros editoriais garantindo a fidelidade dos lançamentos editoriais aos limites simbólicos (cada vez mais flexíveis) da marca “evangélico”². É especialmente a partir de editoras como a Mundo Cristão, Vida (não confessionais) e da CPAD (confessional, ligada à Assembléia de Deus) que ingressaram com força no mercado brasileiro uma série de escritores de *best sellers* cristãos norte-americanos como Rick Warren, Benny Hinn, Max Lucado, Philip Yancey, Keneth Hagin, etc³.

Para alguns editores evangélicos por mim entrevistados, os livros desses autores não tem um público denominacional específico, embora alguns, como Max Lucado e Keneth Hagin (ideólogo da Teologia da Prosperidade) sejam publicados por editoras confessionais. O fenômeno é interdenominacional, circulando em praticamente todos mundo evangélico, sendo divulgado em igrejas, revistas, livrarias, casas , apontando para a especificidade das práticas de aquisição de livros e de leitura entre os membros de diferentes Igrejas.

Na pesquisa de Alexandre Brasil Fonseca (2003) os livros mais citados entre informantes de diversas denominações evangélicas do Rio de Janeiro mostram uma concentração da preferências dos leitores nas categorias “Vida Cristã” (categoria análoga à auto-ajuda) e “Confissão Positiva”. Os leitores mais assíduos, continua a pesquisa, estão nas denominações tradicionais, seguidos pelas renovadas e pelas pentecostais (este último com uma significativa presença de leitores da Igreja Universal, a despeito da modestíssima origem de classe da maioria da membresia)

4 .

² A editora Vida, subsidiária da gigante Zondervan Books tem uma orientação interdenominacional e comercial voltada ao mercado cristão “em geral”. Em sua presidência conta com um pastor da Assembléia de Deus e, em sua gerência editorial um fiel de uma igreja neopentecostal.

³ Maria das Dores Machado fornece uma rara indicação sobre a recepção de uma literatura liberalizante e franca sobre sexualidade entre as lideranças do mundo evangélico, a partir da década de 1980: “Já no universo evangélico, como nos contou o reverendo Caio Fábio, presidente da Associação Evangélica Brasileira. “O grande momento das mudanças na avaliação da sexualidade ocorreu há cerca de 15 anos [cerca de 1980, nota minha] quando ocorreu um boom literário sobre as temáticas do sexo e do prazer e houve uma intensa discussão da liderança religiosa em torno desta bibliografia”. (Machado, 1996: 167)”

⁴ . . O predomínio da indicação de livros com temas sobre “valorização do eu”, “saúde” e “prosperidade” apontariam, segundo o autor, para o ingresso da Nova Era (seguindo as sugestões de Hellas, 1996) entre os evangélicos.

Junto ao crescimento de Igrejas específicas, amplia-se um difuso mercado literário evangélico com categorias, títulos e autores com um bom trânsito interdenominacional, sem que isso expresse um *projeto interdenominacional* agenciado por dirigentes eclesiásticos. Trata-se de uma circulação multidirecional que acompanha o incremento de um mercado religioso não regulado, no interior de uma nebulosa cultural evangélica.

Consultado o site da Associação Brasileira de Editores Cristãos (<http://www.abec.com.br>) os livros religiosos são classificados nas seguintes categorias: “Estudo bíblico”, “Biografia”/“Autobiografia”, “Comentários”, “Ficção”/“Romance”/“Poesia”, “Juvenil”, “Educação Cristã”, “Missões”, “Aconselhamento”, “Evangelismo”, “Referências”, “Infantil”, “Casamento” / “Família”, “Ministério Cristão”/“Liderança”, “Teologia”/“Doutrina”, “Inspiração” / “Meditação” / “Devocional”, “Vida Cristã”. Dessas categorias, duas são particularmente representativas dos fenômenos que discutiremos nesse paper: os livros “devocionais/inspiracionais” e a “vida cristã”, sendo esta a que mais cresce em lançamento de títulos, tiragens e vendas.

As leituras de “livros de inspiração”, por exemplo, são ferramentas intelectuais para a elaboração reflexiva do universo de questões especificamente espirituais surgidas seja com recentes conversões, seja pela curiosidade de membros de igrejas históricas com os temas da Confissão Positiva e da Guerra Espiritual. Considerando-se a importância crescente do individualismo na visão de mundo e estilo de vida bem como a autonomização das práticas e crenças dos fiéis face à autoridade tradicional, compreende-se que essa literatura, formada de testemunhos e diálogos com o leitor, lida com os meandros da subjetividade de experiências religiosas avivadas por despertamentos ou conversões (por isso o gênero está fortemente associado com a categoria nativa “crescimento espiritual”). Tais livros oferecem uma miríade de metáforas, exemplos, narrativas e alusões bíblicas os quais justamente por sua flexibilidade semântica e disposição fragmentária, permitem ao fiel dinamizar identificações simbólicas de sua experiência pessoal com

Deus, tornando-a tangível, estável e aplicável a situações concretas. Em vez de um estilo norma e admoestação, essa literatura tem um hoje em dia um estilo coloquial, um caráter motivacional e uma tônica psicologizante, ênfases que predominam entre os escritores do *mainstream* literário cristão dos Estados Unidos, como Philip Yancey, Max Lucado ou Rick Warren.

O despontar de autores evangélicos nacionais bem sucedidos, como Caio Fábio, Jaime Kemp, Jorge Linhares, Valnice Milhomens ou mesmo Edir Macedo, apresenta nuances em relação à literatura traduzida. Independente da promoção por uma mídia denominacional ou do fato de sua venda concentrar-se dentro do público de uma certa Igreja, como é o caso dos livros de Edir Macedo, é preciso reconhecer a formação de um “sistema literário” próprio no meio evangélico, conectado às igrejas e ao circuito midiático de revistas, jornais, rádio, televisão e Internet. Esse circuito divulga, comenta e estimula prática de leitura dos livros, boa parte dos quais estão voltados a suplementar a prática religiosa com uma cultura subjetiva da construção de si na gestão de problemas cotidianos.

2- Deus tem a ver com o bem-estar emocional e fala a linguagem da psicologia: a psicologização do mundo evangélico desde a América.

O verdadeiro objeto da pesquisa coletiva que se instaurou aqui a propósito de um objeto obscuro e mal definido seria então o confronto entre dois estágios do campo religioso em suas relações com os outros campos e, ao mesmo tempo, de dois estágios dos limites do campo religioso: limites muito nítidos, claros, visíveis, (a batina) num caso, ou, ao contrário, fluidos, invisíveis, no outro caso. Desse modo, hoje se passa, por gradações insensíveis, dos clérigos à antiga (e no interior de todo um continuum) aos membros das seitas, aos psicanalistas, aos psicólogos, aos médicos (medicina psicossomática, medicina lenta), aos sexólogos, aos professores expressão corporal, de esportes de lutas marciais, aos conselheiros da vida, a os assistentes sociais. Todos fazem parte de um novo campo de lutas pela manipulação simbólica da condução da vida privada e a orientação da visão de mundo, e todos colocam em prática na sua ação definições concorrentes, antagônicas, da saúde, do tratamento, da cura dos corpos e das almas. (Bourdieu, 1990: 121)

Não há novidades na constatação de que as religiões exercem funções terapêuticas. Autores tão diversos como Lévi-Strauss, Abraham Kardiner Phillip Rieff, Roger Bastide e Geroges Devereux há décadas que vem esquadrihando os mecanismos socioculturais de gestão da saúde e produção ritual da cura, num constante diálogo com a psicanálise.

A grande novidade dos últimos 30 anos, pelo menos no campo evangélico norte-americano, é a popularização de teorias, conceitos, valores e categorias próprias ao campo psicológico para auxiliar o desenvolvimento espiritual dos membros das Igrejas, como vem sendo mostrado por Hunter (2000), Orwin (2004) e Petersen (1998).

Estes autores sustentam que há uma mudança de fase nos tradicionais posicionamentos do bloco evangélico conservador dos EUA. A psicologização (ligada à idéia de “aconselhamento cristão”) e a centralidade do valor cardeal “auto-estima” são centrais nesta nova configuração, deslocando o anterior caráter intransitivo da fé no processo de salvação, condicionando-a à produção de bem-estar individual.

A incorporação da psicologia no âmago da religião parece encaixar-se, por um lado numa definição clássica de sincretismo – como formação compósita de sistemas heterogêneos cujo resultado é distinto das matrizes originais, não fosse a sensação de cacofonia na correção das referências teológicas, provocada em parte da liderança evangélica pelos inúmeros manuais de elevação da auto-estima e, sobretudo, pela inversão na tradicional hierarquia de valores entre o “espiritual” e o “psicológico”, entre “santidade emocional” e “integridade pessoal”, entre fé como disposição ao sacrifício e o psicologismo do bem-estar.

Livros como “Os fatos sobre Auto-estima e psicologia e o movimento da recuperação”, de John Ankerberg e John Weldon (1995)⁵ afirmam com clareza apologética uma disposição de extirpar os ingredientes supostamente heréticos na tentativa de conciliação entre cristianismo e psicologia,

⁵ Obra publicada no Brasil pela editora Obra Missionária Chamada da Meia-Noite, não por acaso uma das vozes mais fundamentalistas no cenário evangélico brasileiro.

“O ensinamento da Bíblia ,a história humana e a experiência pessoal nos dão conta de que é precisamente a *santidade* que conduz à integridade emocional, e não vice-versa. Aliás, quando se busca a integridade emocional como um fim em si, dificilmente isso gera a santidade pessoal (1995:66).

Oriundos do fundamentalismo, os autores ainda ensaiavam neste livro um diagnóstico das mutações na autoridade eclesial que chega a lembrar os argumentos de Bourdieu (1982) sobre a “dissolução do religioso”:

Hoje, especialmente como resultado do movimento integracionista, “a psicologia penetrou na religião evangélica em quase todo o cenário, e psicólogos, não pastores ou teólogos, são tidos como autoridade na igreja evangélica, com relação às pessoas e seus problemas. Eles são os especialistas, com autoridade para definir o que está certo ou errado, verdadeiro ou falso, bom ou ruim, construtivo ou destrutivo. (Ankerberg e Weldon, 1995: 49)

Tais posicionamentos mais extremados estão na contramão da encruzilhada sincrética entre psicologia, auto-ajuda, confissão positiva, teologia da prosperidade, individualismo psicológico e tendência comportamental liberalizante que parece irrigar saídas privadas para a crise da autoridade tradicional entre os evangélicos. Pelo caráter difuso e capilar de sua disseminação a noção de uma “Nova Era evangélica” (para usar a expressão de Fonseca, 2003) é feliz ao indicar a baliza cultural na qual se inspira o ingresso da psicologização, no qual Deus tem a ver com o bem-estar emocional e fala a linguagem da psicologia.

Assim, a “bricolagem” psicologia-religião é mais ampla do que uma formação teológica. Aliás pode se dizer que ela se costura *nas margens* da teologia, funcionando a citação bíblica como uma espécie de manancial ad hoc de citações, a partir de pontos de partida muito gerais e inespecíficos: a teologia é agora um horizonte discursivo a emoldurar resultados práticos que pouco diz para a “religião” de cada um.

E não se trata de uma mera ornamentação psicológica de carcomidos valores puritanos. Num não explícito eco às posições de Colin Campbell sobre uma transformação interna invisível e difusa das religiões tradicionais, James Hunter propõe que a psicologia substitui o antigo papel produtor de

sentido da religião no âmbito de alguns dos mais conservadores segmentos protestantes americanos:

“Stories from the Bible provide a point of reference, as do affirmations of God's love and strength, but the moral imagination is framed more by the categories of psychology than either Scripture or theology.” (Hunter , 2000:8)

A psicologia não apenas fornece um marco racional suplementar de apoio à vida religiosa e espiritual dos fiéis: (independente do tipo de leitura ou apropriação feita) que além de fornecer um poderoso molde para a reciclagem de posicionamentos sobre bem-estar, estilo de vida e sexualidade entre os evangélicos, é sobretudo uma caixa de ferramentas e técnicas reencantar o “eu” e produzir a imaginação moral. Verdadeira arena residual de um mundo social feito de máscaras e artifícios, o reencantamento psicológicodo *self* atualiza um motivo neo-romântico nesta nova configuração, próximo ao relato do romantismo psicológico feitos entre outros, por Figueiredo (1994) e por Campbell (2001)⁶.

Discutindo o estilo de vida das classes dominantes norte-americanas, David Brooks (2002) pondera que a nova elite é herdeira do sonho de liberdade e contestação dos anos 60 e, contraditoriamente, responsável pela gestão atual do capitalismo O ethos desse grupo social é marcado pelo paradoxo, resultante não tanto de um projeto mas da tentativa de muitos indivíduos de articularem exigências contraditórias, construindo uma espécie de sincretismo ou hibridismo de propostas e visões de mundo.

Em recente texto Clifford Orwin (2004) retoma algumas das discussões centrais de Brooks. Destacando a importância da indústria do aconselhamento cristão para a compreensão da mudança psicologizante nas concepções religiosas, o autor salienta que,

⁶ - “Com o romantismo, passa-se de uma noção de liberdade negativa – a liberdade exercida no terreno da não-interferência – para um versão moderna da liberdade positiva – como “autonomia e auto-engendramento-, processos estes que implicam tanto a transformação dos sujeitos nquailo que eles de fato são (a constituição de uma identidade singularizada), como na permanente perda de suas identidades convencionais: o ‘tornar-se o que verdadeiramente se é’ , contrapondo-se ao ‘conservar as máscaras socialmente convencionadas’. (Figueiredo, 1994: 144).

“Perhaps most confusingly, neither are evangelicals themselves immune to the inroads of the mainline from which they seek to distinguish themselves. James Davison Hunter's studies of evangelical divinity students show a marked tendency toward regression to the mean of Protestant religious opinion in America. And then there is the vogue for "Christian counseling," a growth industry if ever there was one. Himmelfarb reports that "evangelicals are divided between those practicing a 'classical' spirituality derived from earlier Protestant and Puritan traditions, and those partial to a 'postmodern' or 'existential' spirituality, which is therapeutic and individualist." (2004:6)

No bojo deste processo, a literatura de auto-ajuda passa a desfrutar de imenso prestígio fora do *mainstream* teológico. Este não é objeto freqüente de interesse acadêmico, mas há importantes reflexões em Rüdiger(1997), que apontam para a raiz protestante dessa literatura, a qual oscila entre um pólo terapêutico e outro, de técnicas de sucesso social. Este ponto de vista é compartilhado por Johnson (1998) que mostrou, no contexto americano, os usos que cristãos praticantes fazem da literatura de auto-ajuda, religiosa e não-religiosa, como coadjuvante em processos terapêuticos. O sucesso da literatura de auto-ajuda não apenas liga-se ao desenvolvimento de específicas “culturas do individualismo”, como também às condições estruturais de incerteza quando ao trabalho e ao futuro, típicas da modernidade líquida (Bauman, 2001), à mentalidade do neoliberalismo a respeito dessas esferas (Bueno, 2003; Sennet; 2005) Em, sentido positivo essas transformação ligam-se ao papel da moda, do corpo, do consumo e da “cultura do eu” nas sociedades democráticas (Costa, 2004; Campbell, 2001), descrição que se coaduna com o horizonte intelectual pós-moderno de de “exacerbação do individualismo na esfera religiosa”, de Paul Hellas (1996) e com os processos de “privatização”, e “perda de plausibilidade” assinalados, entre outros, por Peter Berger (1985).

Considerando que muitos livros têm preços pouco atraentes para boa parte do público evangélico brasileiro, é plausível supor que estamos assistindo, por intermédio do crescimento editorial religioso, à emergência de novos discursos e ênfases em termos de editlo de vida e comportamento moral dos diferentes grupos evangélicos no Brasil, a par do crescimento de uma cultura e de um mercado de consumo evangélicos.

Mesmo que a disseminação deste ideário seja desigual e atinja inicialmente a uma elite situada nas igrejas tradicionais, históricas e renovadas, o crescimento editorial de títulos traduzidos e nacionais no segmento vida cristã, indica que os grupos evangélicos começam a experimentar problemas de mobilidade social e tensão cultural com o mundo em arranjos não respondidos pela tradição, contradições homólogas às experimentadas pelas elites americanas batizadas por Brooks de “bubos”, ou “burgueses boêmios”) e ironicamente restruzidas por Orwin em “evbos” (“evangélicos boêmios”).

Para uma parcela importante de líderes, formadores de opinião, jornalistas, profissionais e ativistas leigos, a leitura de livros de auto-ajuda viabilizam a construção de pontes reflexivas entre as áreas da vida secularizadas pela perda da autoridade tradicional e o novo campo de possibilidades e incertezas aberto à escolha individual, desde a igreja a freqüentar até o modo de educar os filhos ou relacionar-se com o cônjuge. Muitos dos livros sobre “comportamento”, “vida cristã” e “liderança empresarial” são escritos por adeptos que são não apenas ministros leigos mas também médicos, psicólogos ou consultores de recursos humanos, empresários e administradores (e por vezes, pastores “e” profissionais com formação secular) . Seus escritos realizam tentativas de articular discursos seculares não-religiosos sobre sucesso pessoal, liderança empresarial, vida sexual e desempenho de papéis familiares e sociais com a tradição bíblica protestante, dentro de um enfoque centrado no self, como apontam Hunter (2000), Petersen e Donnoverth, (1997 e 1998), McConkey(2001) e Wilcox (2002)

No campo protestante conservador norte-americano, esses estudos apontam para mudanças nas concepções de religião e atitudes dos protestantes conservadores para com temas morais no sentido do endosso bíblico para o prazer sexual na esfera conjugal, para um leve afrouxamento da rejeição ao homossexual em funções docentes e sobretudo, uma abertura e um hibridismo crescente entre linguagens, valores e conceitos da religião e da psicologia, incorporando esta última como ferramenta de trabalho para o desenvolvimento da vida espiritual.

É plausível supor que essas exigências contraditórias, como a articulação entre o prazer sexual estimulado ao casal e a tradição cristã de condenação da “carne” elaboram dilemas homólogos ao vividos por muitos dos fiéis/leitores no Brasil, o que pode ser depreendido pela apropriação desses temas por escritores evangélicos no Brasil, como Jaime Kemp, Jorge Linhares e David Kronfeld.

3- Os prazeres do sexo conjugal e as “novas esperanças” para os homossexuais.

Há, na literatura evangélica recente uma profusão de termos e categorias de entendimento híbridas, apontando para tentativas de síntese de discursos até então tidos como contraditórios como, por exemplo, “relação de alta qualidade espiritual” (combinação de eficiência e espiritualidade), “heterossexual em Cristo”(este frisando uma categorização identitária para um “ex-gay” convertido cf. Davies e Rentzel, 2004), “casamento como um campo missionário” (para enfatizar o valor e a tarefa da mulher cujo marido não é convertido) , “sexualidade abençoada” (sobre o sexo no casamento).

Propostas de “cura interior” também combinam uma base bíblica com a linguagem da psicologia moderna mapeadora do self, da “auto-imagem” e da identidade” com ênfase para a depressão, “o estresse”, “a saúde emocional” e a “cura espiritual de traumas e feridas emocionais”. Para seus defensores, como David Kronfield (1997) e Fábio Damasceno (1997) a cura interior, de grupo realizada na igreja com técnicas oriundas das terapias seculares, representa uma “remoção de entraves emocionais para a vivência de um fé verdadeira”, através de uma psicologia com base bíblica enquanto que para seus críticos a fé não pode estar sujeita a imperativos de bem-estar ou melhora da auto-estima⁷.

Longe de representar uma construção teológica centralizada e coerente, essas categorizações aparentemente ambíguas resultam de múltiplos esforços de indivíduos para realizar sínteses entre as

⁷ Essa curiosa conversão à psicologia pode ser atestada neste depoimento “A Igreja precisa cobrar a qualidade da relação da pessoa com Deus, a vida emocional, regar a vida emocional desse indivíduo solitário, que vive num grande centro urbano sozinho.” (Fábio Damasceno, citado por Mariano, 1999:200)

crenças do mundo evangélico e a reinterpretação de saberes institucionalizados, como a medicina e a psicologia. Tais empreendimentos literários relacionam-se às transformações na visão de mundo e na estrutura familiar nos últimos 40 anos, nos EUA, aonde destaca-se, mesmo no campo evangélico mais conservador, a difusão de um ideário individualista de cunho psicologizante, que inclui vivas discussões sobre corpo, sexualidade, auto-estima, bem-estar, identidades profissionais e papéis familiares.

Por exemplo, o sexo antes do casamento não é mais condenado apenas por violar os ditames bíblicos ou pela condenação da “carne”. O sexo é agora abençoado para o casal, tão abençoado que se namorados o praticam, o sentimento de culpa será inevitável e o mal estará na futura associação entre sexo e culpa por causa do sexo pré-matrimonial.

Da mesma forma os relacionamentos homossexuais, embora pecaminosos, não são mais o resultado “apenas” da tentação demoníaca mas relacionam-se a mitos sociopatológicos de origem de forte circulação na sociedade americana, enfeixados pelas idéias de violência e de “abuso”(os grandes inimigos da auto-estima e do bem-estar): “sexual”, “emocional”, “verbal” (Davies, op. cit.). Nesse sentido, ser gay ou lésbica não é apenas uma “abominação” mas um “estilo de vida” e uma “subcultura que nasce de experiências familiares mal sucedidas”, “gerando problemas de auto-estima e relacionamento com o mundo que conduzem à homossexualidade”. Um homossexual é sempre uma vítima da indiferença (um tipo de abuso emocional) ou da violência. A *hybris* sociopsicógica está na origem do desvio homossexual, que evidentemente abre-se para a condenação e decodificação teológica tradicional, aonde a libertação é um passo ligado à “fé” e à “conversão”. Mas não se trata de um tudo ou nada amparado na justificação pela fé: o que importa agora é “restaurar a identidade heterossexual do crente em recuperação”, ou seja, a psicologização agrega ao “tudo-ou-nada” da conversão um processo técnico de cura amparado numa ênfase em grupos de ajuda em que todas as etapas da recuperação ou da recaída estão previstas e esquadrihadas em manuais psicológicos cristãos, e o próprio ex-gay é incentivado a ressocializar-se em grupos de ajuda mútua.

As idéias de “identidade”, “cultura” e a negação religiosa e científica de uma natureza homossexual, bem como a minimização do pecado (e até uma reprovação da homofobia) em benefício da patologia inconsciente sobrepõe sem contestar uma linguagem de explicação e ação englobante, coerente e sedutora, confrontadora da forte contestação movida por homossexuais cristãos contra a homofobia e o preconceito sexual. Não é à toa que um livro central como restaurando a identidade de Bob Davies e Lori Rentzel, seja assinado por alguém que se assume como um “ex-gay”, agora “um heterossexual em Cristo”.

O autor pontua que “não se trata mais de pregar abstinência para os homossexuais: isso no máximo levava alguém a ser um homossexual cristão abstinente”, mas “ir fundo nas raízes emocionais dos traumas e feridas que levaram homens e mulheres a irem pelos caminhos do homossexualismo”. É a terapia psicológica constante e a completa mudanças de comportamentos e pensamentos, que permite a verdadeira natureza heterossexual “sair do armário” e restaurar a identidade (heterossexual) do crente. O foco não está no sexo mas numa “visão de comportamento social saudável” em várias esferas onde correção do “desvio homossexual” se afigurará como consequencia de um processo de resgate da auto-estima.

Neste caso, a ênfase na ajuda mútua cruza-se com uma tentativa de incorporar boa parte da retórica do movimento gay (em vez de um homossexual sair do armário é agora o heterossexual que sai do armário do um gay ou lésbica) e também da filosofia da aceitação do pecador dentro da igreja ser condicionada a uma auto-aceitação como um “doente em recuperação”.

Tanto no elogio da sexualidade permitido ao casal (“natural” e “abençoada”) – discurso aonde o orgasmo é um valor legítimo - quanto na patologização psicológica da homossexualidade (aonde a negação da natureza homossexual é condição da intervenção terapêutica e espiritual), a sexualidade, a auto-estima e o corpo evidenciam-se como objetos privilegiados de discursos, concepções e disputas entre a crescente e fragmentada população de evangélicos. mera coincidência que estas mesmas questões sejam o mínimo denominador comum a congregar a chamada bancada evangélica no Congresso Nacional.

Conclusão

A literatura evangélica de auto-ajuda, vida cristã e sexualidade lida com algumas das questões mais expostas à indeterminação normativa face à destradicionalização da religião, como as experimentadas no âmbito da família (tensões conjugais, divórcios, aborto, sexualidade ressacralizada, planejamento familiar, problemas na criação dos filhos, relacionamentos amorosos com pessoas de fora da religião, reconstrução do papel do homem da família), na vivência da religião (lugar da mulher na hierarquia religiosa, feminização das religiões), na sociedade (homossexualismo, mundo do trabalho, evangelho da prosperidade, envolvimento com o “mundo”, natureza da música religiosa, etc.). Especialmente interessantes são livros que oferecem orientações para mulheres a respeito da vida conjugal, em face dos dados sobre a gênero e comportamento da pesquisa Novo Nascimento (Fernandes, 1996), que evidenciou a presença massiva de mulheres entre os crentes. Cerca de 50% das entrevistadas tinham relacionamento amoroso ou conjugal com homens não evangélicos (contra menos de 10% de relacionamentos mistos entre os homens da amostra) o que permite compreender a especificidade da problemática de gênero desse público leitor, bem como o predomínio de lançamentos destinados ao público feminino.

Esta literatura emergente, em boa parte traduzida de autores norte-americanos, seja os que formam um *staff* de escritores de best-sellers “devocionais” seja aquela escrita por profissionais de saúde, administradores e consultores cristãos e que tentam conciliar fé e ciência, visando a uma espécie de suplemento do aconselhamento pastoral, é inteiramente marcada por uma hibridização entre religião e psicologia, que a cada dia se torna mais popular entre o público evangélico brasileiro.

REFERÊNCIAS

1- LIVROS E REVISTAS ACADÊMICAS

- BERGER, Peter. **O dossel sagrado**. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BIRMAN, Patrícia. (Org.) **Religião e espaço público**. São Paulo: Attar Editorial. 2003.
- BROOKS, David. **Bubos no paraíso**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- BUENO. Sinésio Ferraz Bueno. **Pedagogia sem sujeito**. Qualidade total e neoliberalismo na educação. São Paulo: Annablume, 2003.
- CAMPBELL. Colin. **A ética romântica e o espírito do consumerismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- CORTEN, André. **Os pobres e o espírito santo: o pentecostalismo no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- COSTA, Jurandir Feire. **O vestígio e a aura. Corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- DIAGNÓSTICO do setor editorial brasileiro. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2000.
- DOLGHIE, Jaqueline. “A Igreja Renascer em Cristo e a consolidação do mercado de música gospel no Brasil: uma análise das estratégias de marketing”. **Ciências Sociais y Religión**. Ano 6, número 6. Porto Alegre: Associação dos Cientistas sociais da religião do Mercosul, 2000, p.201-220.
- FERNANDES, Ruben César . (org.) **Novo Nascimento: os evangélicos em casa, na Igreja e na política. Relatório de Pesquisa**. Rio de Janeiro: ISER, 1996.
- FIGUEIREDO, Luiz Cláudio. **A invenção do psicológico**. São Paulo: EDUC: escuta, 1994.
- FONSECA, Alexandre Brasil. **Evangélicos e mídia no Brasil**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.
- HEELAS, Paul. 1996. **The New Age Movement**. Oxford: Blackwell, 1996.
- HUNTER, James Davison. “When psychotherapy replaces religion.” **Public Interest** 5, 2000. http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0377/is_2000_Spring/ai_61600820. (acessado em 2/08/2005.)
- JACOB, César (org.) **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais**. São Paulo: Loyola, 2003.
- JOHNSON, William. “Self-help books used by religious practitioners”. **Journal of Counseling and Development** : JCD Alexandria Vol.76, Num. 4. . Alexandria: p. 459-467, 1998.
- LEWGOY, Bernardo. “O livro religioso no Brasil recente: uma reflexão sobre as estratégias editoriais de espíritas e evangélicos.” **Ciências Sociais y Religión**. Ano 6, número 6. Porto Alegre: Associação dos Cientistas sociais da religião do Mercosul,, p.51-69, 2004a
- MACHADO, Maria das Dores Campos. “SOS Mulher – A identidade feminina na mídia pentecostal”. **Ciências Sociais y Religión**. Ano 1, número 1. Porto Alegre: Associação dos Cientistas sociais da religião do Mercosul, 1999., p167-188.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e pentecostais. Adesão religiosa na esfera familiar**. Campinas: Autores associados; São Paulo: ANPOCS, 1996.
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostalismo: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1999.

MARTINO, Luís Mauro. **Mídia e poder simbólico**. São Paulo: Paulus, 2003.

MCCONKEY, Dale . “Whither Hunter's Culture War? Shifts in Evangelical Morality, 1988-1998” **Sociology of Religion**, Summer, 2001 .http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0SOR/is_2_62/ai_76759006 (acessado em 6/08/2005)

MONTERO, Paula. “O papel das editoras católicas na formação cultural brasileira.”

NAVARRO, Carlos Gama. “Del himnario a la industria de la alabanza: um estudio sobre la transformación de la música religiosa.” **Ciências Sociais y Religión**. Ano 2, número 2. Porto Alegre: Associação dos Cientistas sociais da religião do Mercosul, 2000, p.63-85.

ORWIN, Clifford. “The unravelling of Christianity in America”. **Public Interest**, Spring, 2004. http://www.findarticles.com/p/articles/mi_m0377/is_155/ai_n6143334 (acessado em 5/08/2005)

PETERSEN,Larry ; DONNENVERTH, Gregory. “Religion and Declining Support for Traditional Beliefs About Gender Roles and Homosexual Rights” **Sociology of Religion** (59) n 4, p. 353-371, 1998.

PETERSEN,Larry ; DONNENVERTH, Gregory. “Secularization and the Influence of Religion on Beliefs about Premarital Sex”. **Social Forces**, v75 p1071-88, 1997.

RETRATO DA LEITURA NO BRASIL. São Paulo: CBL/BRACELPA/SNEL/ ABRELIVROS, 2002.

RIBEIRO, Vera Masagão (org.) **Letramento no Brasil. Reflexões a partir do INAF 2001**. São Paulo: Global - Instituto Paulo Montenegro, 2003.

RÜDIGER, Francisco. **Literatura de Auto-ajuda e individualismo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1997.

SANCHIS, Pierre. (coord.) **Catolicismo: modernidade e tradição**. São Paulo: Loyola, 1992.

SANCHIS, Pierre. “O campo religioso contemporâneo no Brasil.” In: ORO, Ari., STEIL,Carlos. (orgs.) **Globalização e Religião**. Petrópolis: Vozes, 1997.

SENNET, Richard. **A corrosão do caráter. Consequencias pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Rercord, 2005.

WILCOX, Melissa..“When Sheila's a Lesbian: Religious Individualism among Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Christians”. **Sociology of Religion** (63) n 4, p. 497-513, Winter, 2002

2- LIVROS RELIGIOSOS

ANKERBERG, John & WELDON, John. **Os fatos sobre auto-estima e psicologia**. Porto Alegre: Chamada da Meia-Noite, 1995.

CHO, Paul Yonggi. Soluções para os problemas da vida. São Paulo: Vida, 1997 (1982).

CUTRER , William, **Intimidade sexual no casamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

DAMASCENO, Fábio. **Oficina de cura interior. Como praticar e receber**. Rio de Janeiro: Vinde, 1997. ç

DAVIES, Bob e RENTZEL,Lori. **Restaurando a identidade**. Uma nova liberdade para homens e mulheres. São Paulo: Mundo Cristão 2004.

e o movimento da recuperação. Porto Alegre: Chamada da Meia-Noite, 1995.

HINN, Benny. **Bem-Vindo, Espírito Santo**. São Paulo: Bompastor, s.d.

HINN, Benny. **Bom dia, Espírito Santo.** São Paulo: Bompastor,s.d.

KEEFAUVER, Larry. **Que bom seria se minha família se convertesse.** Belo Horizonte: Atos, 2001.

KRONFIELD, David. **Introdução à cura interior.**São Paulo: Sepal, 1997.

LAHAYE, Tim, Temperamentos transformados. São Paulo: Mundo Cristão, 1997.

LAHAYE, Tim. **Temperamentos transformados. Como Deus poderá transformar os defeitos de seu temperamento.** São Paulo: Mundo Cristão, 1997.

LUTZER, Erwin. **Aprenda a viver bem com Deus e com seus impulsos sexuais.** Venda Nova: Editora Betânia, 1984.

OMARTIAN, Smartie. **O poder da esposa que ora.** São Paulo: Mundo Cristão,2002.

OSBORN, Daisy. **5 escolhas para as mulheres que vencem.** Rio de Janeiro: Graça Editorial, 2001 (1988)

OSBORN, Daisy. **A mulher e sua auto-estima.** Rio de Janeiro: Graça Editorial: s.d.

STROBEL, Lee. **Jugo desigual.** São Paulo: Vida, 2003.